

# Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

ISSN 3085-816X

vol. 1, n. 1, 2025

## ••• ARTIGO 11

Data de Aceite: 13/11/2025

## *O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO: UMA PROPOSTA DE LEITURA ECOCRÍTICA DO CONTO*

Luan Pereira Cordeiro

Suênio Stevenson Tomaz da Silva



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

**Resumo:** O presente trabalho, de cunho qualitativo e do tipo analítico e descritivo, tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura interpretativa do conto “O homem que espalhou o deserto”, de Ignácio de Loyola Brandão, objeto deste estudo, tendo como base as contribuições da ecocrítica. Para isso, embasamo-nos em discussões desenvolvidas por autores como Boff (2005; 2012), Guattari (1990), Garrard (2006), entre outros. O estudo proposto nos permite concluir que a leitura do conto sob o viés da ecocrítica possibilita a compreensão de questões subjetivas de cunho psíquico e social e de como elas repercutem na incidência de mudanças climáticas e na necessidade de cuidados com o meio ambiente, sendo, portanto, uma teoria literária profícua para a realização de propostas pedagógicas de leituras nas aulas de literatura do ensino médio voltadas para a temática Educação Ambiental.

**Palavras-chave:** Literatura. Conto. Ecocrítica. Educação ambiental.

## INTRODUÇÃO

Não é incomum nos depararmos com a realidade de que a leitura de textos literários vem sendo deixada em segundo plano nos ambientes escolares, sobretudo, no que diz respeito à etapa do ensino médio. É importante lembrar, no entanto, que a leitura de textos literários possibilita, dentre outros aspectos, o exercício do pensamento crítico e criativo, reiterando a necessidade de que seja basilar não apenas no ensino fundamental, mas também no ensino médio, conforme disposto na Base Nacional Comum Curricular – BNCC: “em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino

no Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio” (Brasil, 2018, p. 499).

Aliado a isso, cabe mencionar que o referido documento normativo preconiza sobre a necessidade do trabalho em sala de aula de modo a contemplar os chamados temas transversais contemporâneos, isto é, que atravessam as diversas áreas do conhecimento e fazem parte da realidade contemporânea de todos os discentes, para que eles se tornem sujeitos capazes de interrogar, problematizar e refletir. Um dos temas apresentados no documento é a educação ambiental, a qual visa desenvolver a relação do ser humano com a natureza e os demais seres humanos, de maneira ética e consciente.

Nesse cenário, ganha notoriedade a vertente teórico-literária da ecocrítica, ao fomentar a reflexão sobre condutas, maneiras de viver do homem e catástrofes ambientais, de modo a despertar a conscientização e a preservação do meio ambiente. Acreditamos que a ecocrítica com respaldo na ecosofia, juntas propiciam ao professor um trabalho de leitura de textos literários, alcançando e contemplando a educação ambiental, com vistas a desenvolver leituras proficientes. Assim, o presente trabalho, de cunho qualitativo e do tipo analítico e descritivo, tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura interpretativa do conto “O homem que espalhou o deserto”, de Ignácio de Loyola Brandão, dado o caráter atemporal da narrativa no que diz respeito a uma temática que envolve a relação entre os seres humanos e a natureza. Salientamos que a proposta pode ser direcionada a turmas de ensino médio, dado o grau de complexidade que consideramos estar atrelado à ecosofia, abordagem apresentada por

Guattari que inclui três dimensões ecológicas: a das relações sociais, a da subjetividade humana e a do meio ambiente.

Mas, isso não quer dizer que atividades como esta não possam ser trabalhadas nas turmas de ensino fundamental.

Para isso, utilizamo-nos de aportes teóricos que discutem sobre a importância da leitura literária - Chartier (1994), Gauthier (2014), Eco (2003), entre outros - e que versem sobre a ecocrítica e a ecosofia - a exemplo de Boff (2005; 2012), Guattari (1990), Garrard (2006).

O presente estudo está organizado em três seções, além desta introdução: a seção intitulada “A leitura literária como vetor da educação ambiental” aborda o papel da literatura e da leitura de textos literários no âmbito escolar, além de enfatizar a possibilidade de se trabalhar o tema educação ambiental a partir da literatura; a seção de nome “A ecocrítica e a abordagem da ecosofia: principais aspectos” discute sobre conceitos essenciais da vertente teórico-literária da ecocrítica e da abordagem da ecosofia pelo viés da ecocrítica, e a seção “Proposta de leitura do conto ‘O homem que espalhou o deserto’ na perspectiva da ecosofia”, apresenta uma proposta de leitura interpretativa do citado conto, escrito por Ignácio de Loyola Brandão, com base na abordagem da ecosofia.

## A LEITURA LITERÁRIA COMO VETOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os ambientes escolares tornam-se essenciais para que sejam efetivadas as práticas de ensino de leitura dos textos literários de maneira sistemática e produtiva. Através da literatura e sua linguagem constituímos re-

presentações de mundo que possibilitam a expressão de certezas e incertezas dos seres humanos, no âmbito de seus conhecimentos enciclopédicos e suas construções sociais diante do mundo e da realidade que o cerca. Nesse prisma, podemos ter a literatura como o elo que estabelece o diálogo entre a realidade e a ficção, a história, a cultura e a sociedade.

Por muito tempo, as práticas de leitura estiveram restritas às classes sociais mais favorecidas, a visão da escola como principal espaço de ensino de leitura era inexistente até o século XVI. Foi por volta desse século que autoridades mantiveram, com o movimento da Reforma Protestante iniciado por Martinho Lutero, escolas públicas gratuitas para que os cidadãos pudessem aprender a ler e a escrever. Cabe mencionar que, embora tivesse ocorrido a propagação da ideia de que todo cidadão tem o direito de ser instruído na escola, a finalidade principal do aprendizado da leitura era a de popularizar e ampliar o número de leitores dos textos bíblicos (Manguel, 1997). Nesse contexto, não havia uma reflexão sistemática sobre a maneira de ensinar, e os processos pedagógicos constituíam-se por atividades de leitura intensiva, isto é, codificação, decodificação, memorização e recitação de textos clássicos em volume limitado (Durkeim, 1969 *apud* Gauthier, 2014).

Apenas no século XVIII houve um deslocamento da leitura intensiva para a leitura extensiva, ainda que de maneira gradativa. A partir de Chartier (1994), a leitura extensiva abrange textos diversos e numerosos, com o objetivo de ampliar o horizonte de conhecimento e desenvolver a capacidade de consciência crítica da realidade, além de considerar a fruição e o deleite proporcionados pela leitura. Torna-se oportuno mencionar

que, conforme Gauthier (2014, p. 133), foi nessa época que surgiu - de fato - a pedagogia com “o estabelecimento de um método e de procedimentos detalhados e precisos para dar aula”.

Atualmente, existem diversos documentos oficiais da educação, voltados para a manutenção e o funcionamento da gestão pedagógica das escolas. Um desses documentos oficiais é a BNCC (2018), referência obrigatória para a elaboração dos currículos e propostas pedagógicas de todas as etapas escolares. Um dos quatro eixos<sup>1</sup> do ensino de línguas apresentado no documento é o da leitura, que compreende as práticas de linguagem resultantes da interação e da interpretação do leitor/ouvinte/espectador através de textos orais e escritos. A Base versa como algumas das finalidades deste eixo a fruição estética de textos e obras literárias e a discussão e o debate sobre temas sociais relevantes. Também normatiza que as atividades concernentes ao eixo leitura e aos demais eixos apresentados devem contemplar os denominados campos de atuação. Um dos campos, o artístico-literário, dá relevância à dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora da leitura de textos literários ao dispor que:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se

1 A Base Nacional Comum Curricular – BNCC dispõe quatro eixos de ensino de línguas: leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica.

implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (Brasil, 2018, p. 138).

A literatura nos permite questionar sobre o que vemos e vivenciamos, ampliando a nossa visão de mundo. A partir dos conhecimentos armazenados na memória, cada indivíduo imprime sua própria marca na leitura, como ressalta Zilberman (1989):

Nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invasão daquele, que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e poder de sua experiência. Como essas propriedades são, por sua vez, mutáveis, as leituras variam, e as reações perante as obras sempre se alteram. (Zilberman, 1989, p. 51).

Corroborando esta visão, Eco (2003), ao discutir sobre as funções da literatura, explicita:

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam

à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante de ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto. (Eco, 2003, p. 12).

Eco acrescenta a contribuição da literatura para formar a língua, criar identidade e comunidade, apontando que “o mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações” (Eco, 2003, p.15). Em outras palavras, o estudioso sugere que, ao ler textos literários, o leitor é desafiado a diferenciar aquilo que é considerado real ou factível e aquilo que é fruto de sua própria imaginação, considerando que cada leitor interage de uma maneira ao ter contato com textos ficcionais. Cabe ao leitor, portanto, distinguir o real do fantástico, a partir de enredos, simbologias e processos metafóricos, de modo a perceber que a literatura nos faz refletir sobre o mundo, e o indivíduo, para construir essa compreensão textual, atrela o processo a questões pessoais e culturais as quais ele carrega consigo.

Aliada a essas discussões, é oportuno lembrar a afirmação presente na BNCC sobre a necessidade de as escolas “incorporem aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de for-

ma transversal e integradora” (Brasil, 2018, p. 19). Aqui, damos destaque ao tema educação ambiental como um dos que podem ser trabalhados nas aulas de literatura, já que, de acordo com o artigo 3º da Resolução nº 2, do Conselho Nacional de Educação, “a Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído” (Brasil, 2012, art. 3º).

Tratar da educação ambiental em sala de aula é algo essencial ao levarmos em conta que a exploração ilimitada, indiscriminada e egocêntrica do homem como um ser superior aos demais denota o estado de negação das consequências de seus atos, que podem degradar não apenas o meio ambiente, mas a si próprio, enquanto ser intimamente e naturalmente relacionado aos demais seres do ecossistema. Isso reafirma a necessidade de que as questões ambientais sejam cada vez mais evidenciadas como pauta urgente e necessária, influenciando nas ações humanas em prol da preservação e da sobrevivência dos animais, das plantas e do próprio ser humano.

Considerando o papel da literatura como um vetor no desenvolvimento de leituras competentes, especialmente, relacionadas ao tema transversal educação ambiental, na seção seguinte, discorremos sobre a vertente teórico-literária da ecocrítica e a abordagem da ecosofia.

## A ECOCRÍTICA E A ABORDAGEM DA ECOSOFIA: PRINCIPAIS ASPECTOS

A vertente teórico-literária da ecocrítica, devido às suas múltiplas interfaces, possui caráter transdisciplinar e vem ganhando cada vez mais espaço na produção e nas práticas leitoras de obras literárias. Aliando aspectos como ecologia, filosofia, sociedade e cultura, ela nos possibilita refletir sobre a relação entre as condutas e a maneira de viver dos indivíduos e as catástrofes ambientais, nos instigando a despertar um olhar e um agir voltado para a conscientização e a preservação do meio ambiente.

O termo *ecocritica* - traduzido do inglês *ecocriticism* - foi primeiro utilizado no ano de 1978, pelo escritor norte-americano William Rueckert, no ensaio *Experiment and ecocriticism*, para fazer referência à aplicação da ecologia e conceitos ecológicos ao estudo da literatura (Badenes; Coisson, 2010, p. 190). A assunção da ecocrítica como corrente teórico-literária, no entanto, é relativamente recente, tendo sua gênese na década de 1990, marcada pelo desenvolvimento da *Association for the Study of Literature and Environment – ASLE* (*Associação para o Estudo de Literatura e Meio Ambiente*), em 1992. A Associação teve como finalidade fomentar discussões literárias e abordagens no âmbito acadêmico referentes à relação entre os seres humanos e o meio ambiente.

Os estudos dessa área da literatura têm como inspiração os movimentos ambientalistas, fato que explica, inclusive, o senso de historicidade, culturalidade e de consciência política imbricados na teoria, como asseverado pelo crítico literário Garrard (2006): “Os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um proje-

to moral e político ‘verde’” (p. 14). Desse modo, a abordagem notabiliza que cada indivíduo faz parte de toda a complexidade que envolve a natureza, integrando o meio ambiente.

As crescentes intervenções humanas na natureza, em decorrência do neoliberalismo capitalista, realçam as reflexões e inquietações sobre o papel da humanidade, corroborando Boff (1995), ao frisar que “o ser humano, nesta prática cultural, se entende como um ser sobre as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, jamais como alguém que está junto com as coisas, como membro de uma comunidade maior, planetária e cósmica” (p. 17). Boff (2012) ainda faz um alerta: “Dito numa expressão tirada do cotidiano: a Terra já entrou, há bastante tempo, no cheque especial. Encontra-se no vermelho”. (p. 25). Ou seja, o estudioso nos chama atenção para o fato de que o planeta está vivendo uma situação crítica e cada vez mais insustentável, uma vez que existe uma sobrecarga dos usos dos recursos naturais, além de mudanças climáticas evidenciadas e causadas pela ação dos seres humanos.

Os estudos da ecocrítica possibilitam diversas linhas de abordagem do texto literário, podendo ser destacada a ecosofia. Preconizada por Guattari (1990), ela advoga a articulação ético-política entre três dimensões ecológicas: a das relações sociais, a da subjetividade humana e a do meio ambiente.

Ao discorrer sobre a dimensão das relações sociais (ecologia social), o autor propõe a necessidade de um novo olhar e uma forma de relacionamento interpessoal nos variados âmbitos (amoroso, fraternal, social, familiar, no trabalho etc). Ele salienta que não se pode considerar um retorno aos comportamentos sociais do passado, em que as comunidades eram menores, consequen-

temente, com relações mais sólidas. Atualmente, a configuração mundial demográfica é outra, com uma superpopulação, o que resulta em crises ambientais (poluição ambiental, desgaste do solo e queimadas para a ampliação de áreas de pasto ou agricultura, por exemplo) decorrentes da necessidade dos indivíduos de produzirem cada vez mais para atender às demandas do contingente.

Aliado a isso, fazem parte dessa dimensão as subjetividades da produção social humana, como o racismo. Cabe, nesse sentido, repensar sobre esses comportamentos sociais, egocêntricos, de dominação, com relações cada vez mais padronizadas e descartáveis, atreladas à visão consumerista do capitalismo.

No que diz respeito à dimensão da subjetividade humana (ecologia mental), Guattari (1990) se refere à ressignificação de relação do ser humano com seu próprio corpo, compreendendo suas subjetividades de modo crítico-reflexivo, conhecendo as possibilidades e limites do organismo. É importante frisar que o capitalismo pode promover sentimentos de angústia, de dor, de questionamentos sobre a própria existência. Assim, para o estudioso, é preciso que os indivíduos promovam o cuidado com o equilíbrio da mente, “procurando antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc”. (Guattari, 1990, p. 16).

A dimensão do meio ambiente (ecologia ambiental) se refere aos equilíbrios naturais, que são alterados diante do desenvolvimento que o capitalismo promove. Os componentes que causam poluição e diversos bens de consumo impactam negativamente o ecossistema. Nesse diapasão, segundo Guattari (1990, p. 9), não há outra

forma de obter uma “verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais”.

Dada a pertinência da ecosofia, o presente estudo a terá como base para adentrar a leitura do conto selecionado, o qual apresenta narrativa com temática voltada para a relação entre o ser humano e o meio natural, conforme proposto na seção a seguir.

## **PROPOSTA DE LEITURA DO CONTO “O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO” NA PERSPECTIVA DA ECOSOFIA**

Na presente seção, apresentamos uma proposta de leitura interpretativa do conto “O homem que espalhou o deserto”, escrito por Ignácio de Loyola Brandão. A leitura interpretativa é realizada com base na vertente teórico-literária da ecocrítica, mais especificamente, a partir das três dimensões da ecosofia abordadas por Guattari (1990), e de trechos da narrativa objeto de estudo.

O conto em análise narra a história de um menino que tinha o costume de cortar com a tesoura da mãe as folhas das árvores existentes no quintal da sua casa: “Quando menino, costumava apanhar a tesoura da mãe e ia para o quintal, cortando folhas das árvores” (Brandão, 1979, p. 39). Levando em conta a dimensão das relações sociais (ecologia social), notamos, neste primeiro momento, as relações interpessoais da criança no âmbito familiar e social, caracterizadas como solitárias, em decorrência da forma como o menino foi criado pela mãe, ao estimular este comportamento e enxergar o

isolamento das demais crianças como algo benéfico:

[...] A mãe gostava, assim ele não ia para a rua, não andava em más companhias”.

[...] E sempre que o menino apanhava o seu caminhão de madeira (naquele tempo, ainda não havia os caminhões de plástico, felizmente) e cruzava o portão, a mãe corria com a tesoura: tome filhinho, venha brincar com as suas folhas (Brandão, 1979, p.39).

A primeira passagem supracitada ilustra uma conduta da mãe que possibilita uma série de malefícios para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, tendo em vista que sem a interação social ela dificilmente vai aprender a se adaptar em diferentes situações sociais, terá dificuldades de resolver conflitos, de dialogar com outras pessoas etc. Ao mesmo tempo, a próxima passagem do conto também destacada nos mostra que o estímulo da mãe para que o filho corte as folhas das árvores não o faz perceber as consequências negativas do ato, até porque trata-se de um indivíduo que está se construindo enquanto ser social e reproduz o que a figura adulta entende como correto ou que não representa danos.

Ainda, percebemos uma crítica feita pelo autor, na figura do narrador, que aponta para a dimensão do meio ambiente (ecologia ambiental). O autor/narrador, ao fazer um alerta, explicita o quanto danoso é o plástico para a natureza, ao sinalizar que muitos produtos, na época em que o conto foi escrito,

a exemplo de caminhões de brinquedo, passaram a ser feitos de plástico. Trata-se de um material utilizado em vários produtos de consumo, cujo processamento tem grande potencial poluidor do meio ambiente, tendo em vista a demora para se degradar, além de liberar substâncias tóxicas, acarretando, por exemplo, a morte de animais que ingerem o material ao se confundirem com alimento, causando, consequentemente, desequilíbrios no ecossistema.

O ato de cortar as árvores, com o permanente estímulo da mãe, tornou-se uma prática impulsiva e predatória. Essa prática afeta o desenvolvimento individual e social da criança, que cresce, enxergando como algo normal, até porque o comportamento era normalizado pela mãe:

[...] Parecia determinado, à medida que o tempo passava, a acabar com as folhas todas. Dominado por uma estranha impulsão, ele não queria ir à escola, não queria ir ao cinema, não tinha namoradas ou amigos. Apenas tesouras, das mais diversas qualidades e tipos. Dormia com elas no quarto (Brandão, 1979, p. 39).

É visível que a criança, que já não tinha hábitos considerados saudáveis para a sua infância, como a convivência com as demais crianças, vai se tornando um adolescente sem hábitos também comuns a essa fase de desenvolvimento, já que não queria frequentar a escola, o cinema, não tinha - nem via interesse - em amigos e em namoradas. Sabemos que os pais têm um papel fundamental na educação dos filhos para a formação de valores. A esfera

familiar é a primeira e principal responsável pelo desenvolvimento saudável da criança, tanto físico e intelectual quanto afetivo. É importante ressaltar que muitas vezes os valores são passados de geração para geração, isto é, se a mãe normaliza e estimula a atitude do filho, certamente, ela cresceu em um ambiente familiar sem consciência ecológica, no qual também havia a normalização da degradação ambiental.

Ao isolar-se socialmente, o indivíduo passa a ter prejuízos a sua saúde mental e física:

[...] A mãe, muito contente, apesar do filho detestar a escola e ir mal nas letras. Todavia, era um menino comportado, não saía de casa, não andava em más companhias, não se embriagava aos sábados como os outros meninos do quarteirão, não frequentava ruas suspeitas onde mulheres pintadas exageradamente se postavam às janelas, chamando os incautos. Seu único prazer eram as tesouras e o corte das folhas (Brandão, 1979, p. 39).

Como se pode notar no trecho acima, o menino não tinha interesse em frequentar a escola, estava com problemas de rendimento escolar. A forma de pensar da mãe, também descrita no trecho, nos faz questionar o que é ser um menino comportado, sobre o que a mãe julga ser a melhor maneira de criar o filho. Na verdade, é perceptível que a forma de educar o menino está sendo tóxica, já que essa “prisão” dentro de casa gera consequências graves para ele, que passa a ter dificuldades de gerenciar

suas emoções, devido a uma redução significativa de estruturas do cérebro responsáveis pela regulação emocional. Também, leva ao aumento de problemas de relacionamento, de baixa autoestima e de comportamentos impulsivos e agressivos, tendo em vista que o seu prazer eram as tesouras e a destruição das árvores. Considerando a dimensão da subjetividade humana (ecologia mental), é inequívoco que o menino estava criando um deserto não apenas no quintal da sua casa, mas dentro de si.

As ações do menino reverberam de forma negativa e expressiva na ecologia ambiental, já que ele vai crescendo e se tornando cada vez mais um potencial ameaçador à manutenção do equilíbrio ambiental.

[...] Certa noite, regressando do quintal agora silencioso, porque o desbastamento das árvores tinha afugentado pássaros e destruído ninhos, ele concluiu que de nada adiantaria podar as folhas. Elas se recomporiam sempre. É uma capacidade da natureza, morrer e reviver. Como o seu cérebro era diminuto, ele demorou meses para encontrar a solução: um machado. (Brandão, 1979, p. 39).

A irresponsabilidade e a insensatez do menino no que diz respeito à devastação e ao desequilíbrio do meio ambiente gerados por seu hábito são visíveis. Não se ouvia mais o canto dos pássaros no quintal, pois ato de desmatar ocasionou a destruição dos ninhos, seus abrigos naturais. Ainda, podemos enxergar inconformidade do menino com a resistência do ciclo da natureza, capaz

de morrer e reviver, evidenciando a falta de sensibilidade, de conscientização e de reflexão sobre os impactos ambientais causados pela sua conduta. Cabe frisar que a referência ao cérebro do menino como *diminuto* nos remete mais uma vez à dimensão da subjetividade humana (ecologia mental), resultante da interferência negativa em se tratando da ecologia social, gerando danos cerebrais.

A ganância do homem, atrelada ao capitalismo, também fica nítida no enredo: “Onde encontrava árvore, capões, matos, atacava, limpava, deixava os montes de lenha arrumadinhos para quem quisesse se servir. Os donos dos terrenos não se importavam, estavam em via de vendê-los para fábricas ou imobiliárias e precisavam de tudo limpo mesmo” (Brandão, 1979, p. 39). A narrativa aborda a destruição da natureza por parte da humanidade em prol da industrialização, sem pensar nas consequências para a preservação do ecossistema e da própria vida terrena, o que acarreta em mudanças climáticas e catástrofes, levando à destruição do planeta.

O personagem principal do conto torna-se um adulto e a destruição de árvores deixa de ser apenas seu passatempo, transformando-se em seu ofício:

[...] E o homem do machado descobriu que podia ganhar a vida com o seu instrumento. Onde quer que precisasse derrubar árvores, ele era chamado. Não parava. Contratou uma secretária para organizar uma agenda. Depois, auxiliares. Montou uma companhia, construiu edifícios para guardar machados, abrigar

seus operários devastadores. Importou tratores e máquinas especializadas do estrangeiro. Mandou assistentes fazerem cursos nos Estados Unidos e Europa. Eles voltaram peritos de primeira linha. E trabalhavam, derrubavam. Foram do sul ao norte, não deixando nada em pé. Onde quer que houvesse uma folha verde, lá estava uma tesoura, um machado, um aparelho eletrônico para arrasar. (Brandão, 1979, p. 39).

O enredo aborda, sobretudo, as consequências geradas pela humanidade imersa ao capitalismo neoliberal e à visão consumista, em que o dinheiro é sinônimo de poder. A forma de relacionamento no âmbito individual e social do personagem vai impactar também no âmbito profissional, já que ele transforma o hábito de degradar o meio ambiente em seu ofício, meio através do qual ele passa a ganhar dinheiro. A exploração ilimitada, indiscriminada e egocêntrica do homem, como um ser superior aos demais, nos faz repensar sobre o que é trabalhar para sobreviver, ao denotar o estado de negação das consequências de seus atos, que podem degradar não apenas o meio ambiente, mas a si próprio, enquanto ser intimamente e naturalmente relacionado aos demais seres do ecossistema, podendo causar sua própria morte.

O enredo tem como desfecho as graves consequências geradas pela degradação ambiental, mais uma vez decorrentes da exploração ilimitada do meio ambiente pelo homem:

[...] E enquanto ele ficava milionário, o país se transformava num deserto, terra calcinada. E então, o governo, para remediar, mandou buscar em Israel técnicos especializados em tornar férteis as terras do deserto. E os homens mandaram plantar árvores. E enquanto as árvores eram plantadas, o homem do machado ensinava ao filho sua profissão. (Brandão, 1979, p. 39).

Há uma crítica a respeito das práticas cada vez mais comuns da humanidade em prol da obtenção de riquezas materiais, em sobreposição ao patrimônio ambiental, cada vez mais deteriorado e extinto. É perceptível no enredo a dificuldade dos indivíduos de se enxergarem como parte integrante do meio ambiente, de forma que todas as ações negativas na natureza voltarão para si. Essa ausência de consciência é tão comum no Brasil que para buscar solucionar o problema de infertilidade da terra, o governo recorre a especialistas em fertilização das terras vindos de Israel. Por fim, destacamos o antagonismo *plantar* e *destruir* latente na narrativa. Trata-se de movimento cíclico de ação destrutiva do homem no ecossistema, pois enquanto o governo busca solucionar a situação descrita de maneira sustentável, o homem do machado, assim como passa a ser denominado o personagem principal, transmite os valores que recebeu da mãe, desde a infância, para o seu filho, que aprende com o pai a profissão.

Como se pode perceber no decorrer da proposta de leitura do conto, estamos diante de um texto que nos apresenta um enre-

do e um cenário muito atuais, no sentido de que cada vez mais os seres humanos vêm impactando o planeta de maneira negativa, irresponsável e egoísta, muitas vezes sem dar conta de seus atos em relação à humanidade futura, já que os recursos naturais presentes na natureza são limitados e não dão conta do consumo exacerbado de uma sociedade cada vez mais capitalista. Trata-se, portanto, de um texto muito rico para ser trabalhado em sala de aula aliado às contribuições da ecosofia, a partir das três dimensões ecológicas, e da importância de o professor discutir a respeito da educação ambiental. O professor pode, por exemplo, estabelecer relações entre o enredo e a realidade ambiental a qual estamos vivenciando, de modo que os alunos percebam os impactos ambientais causados pela ação humana, quer seja individual, quer seja coletiva, em paralelo a situações de desertificação, desmatamento, mudanças climáticas etc. Aliado a isso, pode refletir criticamente acerca de conceitos como sustentabilidade e consumo consciente, presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Brasil, 2012), de modo a estimular a interdisciplinaridade e o conhecimento de documentos oficiais sobre o meio ambiente, levando os alunos a se apropriarem da relevância da literatura para interpretar, refletir e despertar a conscientização a fim de evitar futuros distópicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma proposta de leitura interpretativa do conto “O homem que espalhou o deserto”, de Ignácio de Loyola Brandão, com base nas contribuições advindas da vertente teórico-literária da ecocrítica, mais especificamente, a partir da abordagem da ecosofia. A leitura do conto apresentada nos

permite concluir que a ecocrítica possibilita a compreensão de questões subjetivas de cunho psíquico e social e de como elas repercutem na incidência de mudanças climáticas e na necessidade de cuidados com o meio ambiente.

Chama-se atenção, nessa linha de pensamento, para a disseminação do modelo capitalista nos diversos âmbitos sociais, individuais e ambientais, imbuídas na narrativa analisada, tendo em vista que, a ideia de propriedade privada construída ao longo da história e a busca pela riqueza, por exemplo, impactam diretamente na humanidade e no planeta. Não há nada que a humanidade realize na natureza que não resulte em alterações nas relações do indivíduo com a sociedade e com si próprio. Desse modo, quando se pensa em questões climáticas, também se pensa em como os seres humanos se relacionam em sociedade e como agem sobre o mundo.

Nesse sentido, acreditamos que a proposta apresentada, sob o viés da ecocrítica, é profícua para a realização de atividades pedagógicas de leituras nas aulas de literatura voltadas para a temática Educação Ambiental. Sugestões como essa nos possibilitam refletir sobre as condutas do homem, muitas vezes impensadas, despertando a consciência ecológica sustentável, modificando e ressignificando as nossas relações com nós mesmos, com a sociedade e com a natureza. O aluno/leitor, desse modo, é convidado a repensar sobre comportamentos sociais, egocêntricos, de dominação, com relações cada vez mais padronizadas e descartáveis, atreladas à visão consumista do capitalismo.

## REFERÊNCIAS

BADENES, Guillermo; COISON, Josefina. Ecotraducción. In CARBALLO, Mirian; AGUIRRE, María Elena (orgs). *Eco-crítica, "Crítica Verde": la naturaleza y el medioambiente em el discurso cultural anglófono*. Córdoba: Asociación Cooperadora Facultad de Lenguas – UNC, 2010. p. 173 – 214

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O homem que espalhou o deserto. In: *Cadeiras proibidas*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. Brasília, *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, 18 de junho de 2012.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priore. Brasília: Editora UNB, 1994.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: *Sobre a literatura*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Ed. UnB, 2006.

GAUTHIER, Clemont. O século XVII e o problema do método no ensino ou o nascimento da pedagogia. In: GAUTHIER, Clemont; TARDIF, Maurice (org.). *A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis: Vozes. 2014.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.